

Slavoj ZIZEK. Elogio da intolerância. Lisboa: Relógio d'Água, 2006. Tradução Miguel Serras Pereira.

Nascido em 1949, em Liubliana, na antiga Iugoslávia (atual Eslovênia), Slavoj Zizek doutorou-se em Filosofia na sua cidade natal e estudou Psicanálise na Universidade de Paris.

É professor da European Graduate School e pesquisador no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana. É também professor visitante em universidades estadunidenses, como a Universidade de Columbia, Princeton, a *New School for Social Research*, de Nova Iorque, e a Universidade de Michigan.

Entre suas obras, incluem-se *Bem-vindo ao deserto do real*, *As metástases do gozo* e *A subjetividade vindoura*, obras publicadas pela mesma editora de Lisboa. Seu último livro é *The parallax view*, ainda sem tradução em língua portuguesa.

No conjunto de artigos que compõem o livro que ora se apresenta, Zizek discorre sobre a esquerda e a direita hoje, hegemonia e ideias dominantes, a pós-política, eurocentrismo, sexualidade nos dias atuais, além de um instigante e audacioso artigo a respeito do *tamagotchi* como objeto interpassivo.

O livro reflete o modo de pensar de seu autor, altamente crítico e com imensa densidade teórica, estabelecendo análises que associam a psicanálise, a filosofia, a sociologia e a ciência política para abordar questões da atualidade. Nesta resenha optou-se por destacar suas contribuições em relação especificamente ao multiculturalismo, por ser este um tema que tem tido grande repercussão nos debates sobre educação nos últimos tempos no Brasil.

O autor argumenta que o multiculturalismo despolitizado é a nova ideologia do capitalismo global, sendo necessário reafirmar a importância da paixão política, fundada na discordância, e, ao mesmo tempo, defender a politização da economia. Zizek exprime a ideia de que uma certa dose de intolerância é necessária para que se possa elaborar uma crítica à atual ordem de coisas.

Partindo daquilo que chama de *despolitização da economia* e sua regra incontestada do mercado, o autor discorre a respeito da forma pela qual a postura ideológica hoje predominante – o liberalismo multicultural e tolerante – participa em pleno na despolitização da economia. Em suas palavras, “a tolerância multicultural é a ideologia hegemônica do capitalismo global”.

O autor apresenta uma interessante discussão sobre o *universal* e o *particular*, argumentando que é próprio da política atual produzir uma espécie de curto-circuito entre o universal e o particular: o paradoxo de um *singular universal*, um singular que aparece como substituto do universal. Segundo o autor, num corpo social estruturado, dentro do qual cada parte ocupa o seu lugar, a ocorrência de uma parte dos *sem-parte* coloca em xeque a ordem funcional “natural” das relações no interior daquele corpo social. A identificação dos *sem-parte* com o Todo (ou seja, com o universal), como

parte da sociedade mesmo que seus integrantes estejam desprovidos de lugar verdadeiramente justo dentro dela, é o gesto elementar da politização. Ao contrário, a identificação com o particular, característica do processo de despolitização da economia, ajuda a perpetuar a condição de excluídos.

De acordo com Zizek, o multiculturalismo é a forma ideal da ideologia do capitalismo planetário, uma atitude que, de uma espécie de posição global vazia, trata *cada* cultura local à maneira do colono que lida com uma população colonizada – como “indígenas” cujos costumes devem ser cautelosamente estudados e “respeitados”.

Em suas palavras, “o multiculturalismo é uma forma de racismo denegada, invertida, auto-referencial, um *racismo com distância*: respeita a identidade do Outro, concebendo-o como uma comunidade ‘autêntica’ fechada sobre si mesma, em relação à qual o adepto do multiculturalismo mantém, pelo seu lado, uma distância que torna possível a sua posição universal privilegiada”.

As reflexões de Zizek chamam a atenção para um debate ainda não de todo superado entre o universal e o particular, entre aquilo que deve constituir o patrimônio de toda a sociedade, seja ele referente à história, à cultura ou aos bens materiais, e aquilo que constitui a história e a cultura dos grupos pertencentes a uma dada sociedade. Em síntese, Zizek nos alerta para o perigo de um multiculturalismo reacionário e conservador no contexto do capitalismo planetário e só por esse aspecto a leitura do livro já terá valido a pena, embora o autor trate, de forma brilhante e arrojada, de outros temas sobre a contemporaneidade.

Ana Lúcia Cunha Fernandes